

Gil Santos\*

REPORTAGEM

gil.santos@redebahia.com.br

# PATRIMÔNIO AO CHÃO

Parte de casarão onde  
funcionava o tradicional  
restaurante Colon desaba  
no bairro do Comércio

O casarão onde funcionava o antigo restaurante Colon, no bairro do Comércio, em Salvador, desabou no final da manhã de ontem (25). A estrutura estava desocupada desde novembro de 2021 e corria o risco de cair. No momento do desabamento, estava acontecendo uma vistoria no imóvel, que já estava isolado. O casarão tem rachaduras aparentes e está tombando.

A Defesa Civil de Salvador (Codesal) informou que, por falta de manutenção, o espaço foi evacuado em vistoria realizada em 28 de setembro de 2020. O responsável pelo restaurante foi notificado a suspender as atividades comerciais e deixar imediatamente o imóvel, que tem outro dono.

Segundo a Codesal, eram necessários os serviços de recuperação e reforço estrutural das partes instáveis do casarão, principalmente nos três últimos pavimentos superiores, com supervisão de um profissional habilitado pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia (Crea).

Em nova vistoria realizada na quarta-feira (24), a Codesal interditou, por precaução, a área do entorno com a ajuda da Transalvador.

Em nota, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) informou que tem um processo aberto de fiscalização, desde 2022, para apurar possível degradação do imóvel do antigo Restaurante Colon, bem privado, que está em área tombada pelo Iphan.

## PARTICULAR

Ainda de acordo com o Iphan, por se tratar de imóvel particular, a responsabilidade pela conservação é dos seus proprietários. Eles não foram localizados.

“O Iphan vem acionando órgãos públicos para ter os nomes dos proprietários do bem para adoção das medidas cabíveis, podendo gerar multa, em caso de negligência.” A nota diz ainda que um auto de infração está sendo emitido em nome do pro-

prietário do imóvel.

O casarão será escorado pela Codesal. O engenheiro José Casqueiro, da Defesa Civil, contou que não foi possível entrar no imóvel, mas que pela avaliação feita na parte externa do prédio, a melhor opção é escorar a estrutura.

“Vamos escorar a lateral com vigas metálicas, por uma questão de segurança, mas se ele colapsar será na base da estrutura, e se tombar será em direção da rua. Estivemos aqui ontem [quarta-feira] e fizemos o isolamento da área para evitar acidentes. Hoje, vamos dar entrada no processo para o

escoramento. O prazo para conclusão do serviço é, em média, de 60 dias, mas vamos terminar antes”, explicou.

Além do andar térreo, o prédio tem dois andares superiores e o sótão. O engenheiro explicou que nesse tipo de construção, feita no século XIX, são as peças em madeira que sustentam a estrutura em argamassa e tijolos, por isso, quando há infiltração e/ou ação de cupins nas vigas, o risco de desabamento aumenta. Na fachada é possível ver vegetação nas paredes, um indicio de que o local está úmido, além de rachaduras e parte

exposta do reboco.

A Defesa Civil informou que não há necessidade de interditar os imóveis vizinhos.

Procurada, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (Sedur) informou que vai notificar o responsável pela edificação para realizar a manutenção predial e zelar pelo imóvel. “De acordo com o Código de Polícia Administrativa de Salvador (Lei nº 5503/99) e com o Decreto Municipal nº 13251/01 é dever do proprietário zelar pela unidade imobiliária e realizar a manutenção preventiva e periódica das edificações”, diz a nota.

A Sedur disse ainda que vai iniciar a demolição das partes instáveis do imóvel hoje (26), a partir das 7h30.

Já a Transalvador interditou a Rua da Holanda, na Praça Conde dos Arcos, devido ao risco de desabamento. A orientação para os motoristas é seguir pelo contrafluxo, ou seja, na contramão, na Rua Álvares Cabral.

Segundo o diretor-geral da Codesal, Sosthenes Macedo, a melhor alternativa é demolir a estrutura restante. Atualmente, a pasta monitora a situação de cerca de 3 mil casarões na cidade.

“Essa é uma área que estamos monitorando há muito

tempo. Em 2020, fizemos a primeira notificação para que o proprietário e os responsáveis pelo restaurante Colon tomassem as providências legais de recuperação baseada na Lei de Manutenção Predial, mas infelizmente nenhuma providência foi tomada. Fizemos novas vistorias e no período da Lavagem do Bonfim a região foi isolada”, explicou Sosthenes.

A promotora de vendas Rafaela Santos, 36 anos, contou que estava passando pela região quando viu as pessoas correndo e a nuvem escura logo atrás. “Eusó ouvi o barulho de tudo caindo, as pessoas correndo e depois muita poeira. Teve uma senhora idosa que ficou toca coberta de pó, mas ninguém ficou ferido. Foi só o susto mesmo”, afirmou.

Uma funcionária de uma papelaria, que funciona ao lado do casarão, disse que primeiro caíram algumas partes de reboco, que as rachaduras aumentaram e, em seguida, parte do prédio ruí. Ela estava na frente do edifício e contou que escapou por pouco.

Até o fechamento desta matéria, o CORREIO não conseguiu contato com os proprietários do imóvel.

\* COM COLABORAÇÃO DE RAQUEL BRITO

ANA ALBUQUERQUE



O casarão será escorado pela Defesa Civil (Codesal); Iphan afirma que a responsabilidade pela conservação é dos proprietários do imóvel

## Prédio que ruíu abrigou restaurante famoso durante 107 anos

O casarão que ruíu na Praça Conde dos Arcos, no Comércio, ontem (25), tem uma importância histórica para a cultura baiana. Durante 107 anos, ele foi a sede do restaurante Colon, fundado por espanhóis e um dos estabelecimentos mais tradicionais da cidade,

que fez parte da história da capital baiana e chegou a ser referenciado pelo escritor Jorge Amado na obra O Sumiço da Santa (1988).

Durante muitos anos o local foi point para artistas e celebridades e recebeu nomes como Carlinhos Brown, Neuza Borges, Tatti

Moreno, Nelson Rufino, além do próprio Jorge Amado. Naquele tempo, o bairro do Comércio era um pedaço importante da boemia e da economia sotero-politana. O negócio passou por três gerações, mas não sobreviveu à pandemia. Em 26 de novembro de 2021,

depois de 107 anos em operação, o restaurante Colon fechou as portas.

Na época, o proprietário e neto do fundador contou que a pandemia de Covid-19 afetou o faturamento da empresa, que a queda foi de cerca de 80% e que, apesar de tentar alternativas, não

houve saída. No último dia em funcionamento clientes já saudosos lotaram o salão para se despedir.

O restaurante funcionava no andar térreo. O prédio é do século XIX, construído com tijolos, madeira e argamassa, como era comum na época.